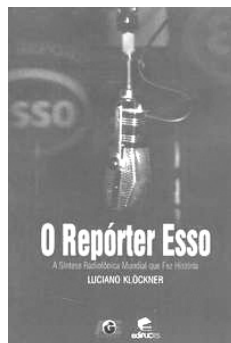


Testemunha ocular do radiojornalismo

João Batista de Abreu*



KLÖCKNER, Luciano. **Repórter Esso** – a síntese radiofônica mundial que fez História. EdiPUCRS/ AGE, 2008. 315p.

Quando o nome de um noticioso se torna metonímia de verdade, é sinal de que o programa alcançou credibilidade. Foi assim com o Repórter Esso, principal síntese radiofônica que pairou absoluta durante 28 anos no *dial* brasileiro. A expressão “deu no Repórter Esso” se consagrou como referência de informação para os milhares de ouvintes que se acostumaram a sintonizar as quatro edições diárias de cinco minutos que iam ao ar em cinco estados do país.

O livro *Repórter Esso – a síntese radiofônica mundial que fez História*, do jornalista e professor gaúcho Luciano Klöckner, apresenta um panorama completo do noticiário que ficou no ar entre 1941 e 1968, com quatro edições diárias de cinco minutos, de segunda-feira a sábado (duas no domingo), em cinco capitais: Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Recife e Porto Alegre. Em algumas capitais, o noticioso chegou a ter cinco edições.

Produzido pela agência de propaganda McCann Erickson, com o patrocínio da Standard Oil, o Repórter Esso foi ao ar pela primeira vez em Nova York em 1935, transformando-se em importante instrumento da política de boa vizinhança dos Estados Unidos

* Professor Doutor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense.

com a América Latina nos anos 40/50. No Brasil foi o primeiro radiojornal a ter apuração própria e abrir mão do tradicional *gilete press*, que consistia em separar as notícias publicadas nos jornais e adaptá-las à linguagem radiofônica.

Os textos, curtos e objetivos, privilegiavam as fontes oficiais. A posição ideológica estava na seleção de palavras, principalmente os adjetivos que tanto serviam para enaltecer as ações dos aliados na Segunda Guerra Mundial (“poderosas forças”, “vigorosas lutas” ou “histórica resistência”), como para depreciar os adversários (“tragicômico Duce”, “sanguinário fascismo” ou “vermelhos”, para qualificar russos, chineses e norte-vietnamitas durante a Guerra Fria.

Foi o Repórter Esso que estabeleceu a pontualidade na transmissão dos noticiários. Até então os horários serviam apenas como referência. Antes de estrear ao Brasil, em 28 de agosto de 1941, o programa já era veiculado em Cuba, Peru, Chile e Argentina, além dos Estados Unidos. Ao todo, chegou a ser transmitido por 60 emissoras de 14 países do continente americano (Estados Unidos, Cuba, República Dominicana, Honduras, Nicarágua, Costa Rica, Panamá, Venezuela, Colômbia, Peru, Chile, Argentina, Uruguai e Brasil), além de Porto Rico.

Na Rádio Nacional, os primeiros locutores do Repórter Esso foram Romeu Fernandes, Rubens Amaral e Celso Guimarães, mas quem se consagrou como a voz do noticiário foi Heron Domingues, que chegou à emissora em 1944. Em janeiro de 1966, o Esso transferiu-se para a Rádio Globo, onde o locutor Roberto Figueiredo se identificou de tal maneira com o noticiário que chegou a chorar durante a transmissão da última edição, em 31 de dezembro de 1968.

O livro sintetiza dez anos de pesquisa de Luciano Klöckner, que mergulhou nos arquivos da Rádio Nacional e do Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, recuperou *scripts* e manuais de redação e entrevistou dezenas de jornalistas e radialistas envolvidos com o noticioso. Ex-coordenador de Jornalismo da Rádio Gaúcha, do grupo RBS, e integrante do núcleo de pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom, Klöckner defendeu uma dissertação de mestrado e uma tese de doutorado sobre a história e a linguagem do Repórter Esso no programa de pós-graduação em Comu-

nicação da PUC do Rio Grande do Sul, sob a orientação da professora Doris Fagundes Hausen.

Repleto de fotos e artigos publicados na imprensa sobre o radi-jornal, a obra traz ainda documentos inéditos sobre a CPI instaurada no Congresso em 1957 para investigar as manobras da Esso e da Shell contra a nacionalização da exploração do petróleo. Para tentar neutralizar a ação das multinacionais, a Rádio Sociedade da Bahia lançou o Repórter Petrobrás, com o slogan “Povo sem petróleo é povo sem liberdade”. De acordo com Klöckner, a campanha contra a criação da Petrobrás teria comprometido a imagem da companhia norte-americana e, para recuperar seu conceito na imprensa, a empresa criaria em 1955 o Prêmio Esso de Jornalismo.

O livro revela também a censura imposta ao noticiário em São Paulo no dia 1º de abril de 1964, contada pelo jornalista Fáblio Perez, locutor da versão paulista do Esso, então na Rádio Tupi. “Logo na entrada da redação-estúdio, ele foi barrado por um oficial do Exército, justificando que a Revolução tinha se consumado, ninguém entrava e tudo estava sob censura. Apesar da presença do oficial, o redator do Repórter Esso, Belmiro Madeira, repassou a Fáblio Perez o *script* da primeira edição, que não foi lido. Perez guardou o envelope, contendo as cinco laudas com as 17 notícias que não foram ao ar” (p.79).

Repórter Esso – a síntese radiofônica mundial que fez História transcreve a fita gravada por Heron Domingues com orientações para os locutores sobre entonação, postura e ritmo de leitura, além da transcrição de diversas edições do noticiário, extraídas dos arquivos do Museu da Imagem e do Som. A velocidade e a vibração na leitura das notícias criaram um padrão narrativo que até hoje serve como parâmetro em diversas emissoras. A fanfarra, escrita pelo maestro Carioca e Haroldo Barbosa, era a vinheta de abertura e encerramento. Naquele momento, os ouvintes aumentavam o volume do rádio (antes a válvula e depois transistorizado) e tomavam conhecimento do que se passava no mundo, pela ótica da Standard Oil, da McCann e da United Press. Fica fácil entender por que nos sentimos, muitas vezes, tão perto dos Estados Unidos.